

INCORPORANDO *PODCASTS* À SALA DE AULA TRAVÉS DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA ¹

Victor César RAMOS²

Licenciando em Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

Este artigo tem como objetivo explorar e expandir os multiletramentos (trabalhados por Roxane Rojo) na sala de aula e disponibilizar material auxiliar ao combate à violência. No intuito do desenvolvimento dos gêneros orais, a partir da estrutura idealizada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), desenvolveu-se, para o 9º ano, uma sequência didática que alia competências, objetivos e habilidades tanto da BNCC quanto dos PCN à elaboração própria dos alunos de *podcasts* sobre diversos tipos de violência ao quais estamos suscetíveis, para divulgação externa. Para o desenvolvimento da atividade, lançou-se mão de alguns conceitos de educação e avaliação trabalhados por Jussara Hoffman e Celso Vasconcelos.

Palavras-chave: *Podcasts*; Multiletramentos; Sequência Didática; Oralidade.

Introdução

Devido à recorrente desvalorização dos gêneros orais na sala de aula, intentou-se desenvolver uma sequência didática de doze aulas que congregasse essa modalidade com as habilidades e competências a serem desenvolvidas no 3º bimestre do 9º ano, segundo a matriz curricular das escolas estaduais, e as habilidades e competências previstas na Base Nacional Comum Curricular e nos Parâmetros Nacionais Curriculares. Ao final das aulas expositivas-dialogadas, cada grupo deveria ser capaz de estruturar e selecionar argumentos, roteirizar, gravar e editar *podcasts* escolhidos conforme os tipos de violência que surgiram durante debate em turma, de forma a fomentar o protagonismo do aluno e minimizar atitudes violentas percebidas durante o estágio de observação em classe.

¹ Sequência didática aplicada em 2019, em turma de 9º ano do EF II, por meio do projeto Residência Pedagógica – CAPES.

² Endereço eletrônico: vcsramos23@gmail.com

Como objetivos, habilidades e competências, destacamos: interpretação de textos; inferência e fruição; coerência e coesão; informatividade; leitura oral (ritmo, entonação, respiração, qualidade de voz, elocução e pausa) e etapas de elaboração e revisão da escrita.

Justificativa

Pensando na perspectiva dos multiletramentos, trabalhados por Roxane Rojo, incorporar a tecnologia dos *podcasts* à sala de aula seria uma forma de ensinar um novo gênero discursivo, já que para os alunos do EF II não é comum a cultura de ouvir a estes materiais. Em entrevista para o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), Rojo (2013) defende que:

Na perspectiva dos multiletramentos, o ato de ler envolve articular diferentes modalidades de linguagem além da escrita, como a imagem (estática e em movimento), a fala e a música. Nesse sentido, refletindo as mudanças sociais e tecnológicas atuais, ampliam-se e diversificam-se não só as maneiras de disponibilizar e compartilhar informações e conhecimentos, mas também de lê-los e produzi-los. O desenvolvimento de linguagens híbridas envolve, dessa forma, desafios para os leitores e para os agentes que trabalham com a língua escrita, entre eles, a escola e os professores.

Em consonância com as competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, o gênero *podcast* adequa-se aos itens de número 3, 4 e 10:

3- Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

4- Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

10- Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. (BRASIL, 2017, p. 83).

Proporciona-se, então, uma maneira prática, atual e, principalmente, contextualizada, se bem articulada com as propostas da turma, para o ensino, que adquire mais sentido para o aluno, caracterizando, assim, um processo de ensino-aprendizagem efetivo que proporciona o uso do conteúdo assimilado para outras situações na vida real. Porque, para Vasconcelos (2007, p. 57), “o conhecimento não tem sentido em si mesmo: deve ajudar a compreender o mundo e nele intervir”.

Se considerarmos os pareceres da BNCC sobre as práticas de linguagem no campo de atuação da vida pública, no qual deve-se “ampliar e qualificar a participação dos jovens nas práticas relativas ao debate de ideias e à atuação política e social”, estaremos, ao introduzir, pelo gênero *podcast*, o tema da Violência, de cunho político-social, também ressaltando o

[...] reconhecimento da importância de se envolver com questões de interesse público e coletivo e compreensão do contexto de promulgação dos direitos humanos, das políticas afirmativas, e das leis de uma forma geral em um estado democrático, como forma de propiciar a vivência democrática em várias instâncias e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade (o outro tem direito a uma vida digna tanto quanto eu tenho). (BRASIL, 2017, p. 142).

Desse modo, a fim de enfrentar o desafio da tensão tanto do professor quanto do aluno gerada pela nota em sala de aula, valorizaram-se atividades que fugissem dos moldes tradicionais de sala de aula e do “fazer para tirar nota”.

A nota, ao invés de ser um elemento de referência do trabalho de construção de conhecimento, passa a desempenhar justamente o papel de prêmio ou de castigo, alienando a relação pedagógica, na medida em que tanto o aluno quanto o professor passam a ficar mais preocupados com a nota que com a aprendizagem. (Vasconcelos, 2007, p. 55).

Logo, acredita-se que a produção de *podcasts*, além de contemplar os aspectos burocráticos, tais quais as habilidades e competências, também contribui para uma menor preocupação da parte do aluno com a nota, fornecendo um processo mais prazeroso de ensino-aprendizagem.

Apresentação da situação

É importante, para conhecimento de cada um dos estudantes a respeito das habilidades a serem desenvolvidas e para uma melhor organização dos grupos, que, antes do início do processo, já seja anunciada a produção final dos *podcasts* em trios. Estipular um tempo curto de conteúdo (de 3 a 4 minutos), sintético, com qualidade de informação e, principalmente, autêntico.

A fase inicial de apresentação da situação permite, portanto, fornecer aos alunos todas as informações necessárias para que conheçam o projeto comunicativo visado e a aprendizagem de linguagem a que está relacionado. Na medida do possível, as seqüências didáticas devem ser realizadas no âmbito de um projeto de classe, elaborado durante a apresentação da situação, pois este torna as atividades de aprendizagem significativas e pertinentes. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2007, p. 100).

Durante as duas primeiras aulas, buscou-se, então, discutir, com os alunos, o que era proposto. Foram explicitadas quais habilidades seriam requeridas no processo de ensino-aprendizagem, quais ferramentas seriam utilizadas, as datas, o tema, como seria estruturado o projeto e quais objetivos alcançaríamos, a *playlist*.

A produção dos *podcasts* será direcionada a um público amplo, amigos, familiares, outras turmas da escola, veiculação em redes sociais (se desejado). Portanto, valorizaremos uma variante que abranja o mais variado público, sem que interfira drasticamente na identidade de cada uma das produções. Conforme Dolz, Noverraz e Scheneuwly (2007, p. 97) “uma seqüência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”.

O intuito deste projeto é disponibilizar conteúdo de intervenção criado a partir do protagonismo dos próprios alunos para conscientização sobre a violência, em quantidade, com qualidade e variedade, sendo este conteúdo gratuito e acessível para a maior quantidade de público possível.

Trata-se também de possibilitar vivências significativas, na articulação com todas as áreas do currículo e com os interesses e escolhas pessoais dos adolescentes e jovens, que envolvam a proposição, desenvolvimento e avaliação de ações e projetos culturais, de forma a fomentar o protagonismo juvenil de forma contextualizada. Essas habilidades mais gerais envolvem o domínio contextualizado de

gêneros já considerados em outras esferas [...] os quais supõem o reconhecimento de sua função social, a análise da forma como se organizam e dos recursos e elementos linguísticos e das demais semioses envolvidos na tessitura de textos pertencentes a esses gêneros. (BRASIL, 2017, p. 143)

Módulo 1 - debate sobre os tipos de violência (2 aulas)

Em duas aulas, será desenvolvido um debate sobre os mais variados tipos de violência existentes na sociedade, a partir de uma música de sensibilização sobre o tema (Chapa – Emicida). Para maior embasamento, e com a finalidade de estimular nos alunos uma seleção de argumentos vasta, serão distribuídos a cartilha informativa contra violência³ e o Atlas da Violência 2019 do IPEA⁴. Nesta etapa é importante ressaltar o que diz a BNCC em uma das habilidades de Língua Portuguesa:

Em especial, vale destacar que o trabalho com discussão oral, debate, propaganda, campanha e apresentação oral podem/devem se relacionar também com questões, temáticas e práticas próprias do campo de atuação na vida pública. Assim, as mesmas habilidades relativas a esses gêneros e práticas propostas para o Campo jornalístico/midiático e para o Campo das práticas de ensino e pesquisa devem ser aqui consideradas: discussão, debate e apresentação oral de propostas políticas ou de solução para problemas que envolvem a escola ou a comunidade e propaganda política. Da mesma forma, as habilidades relacionadas à argumentação e à distinção entre fato e opinião também devem ser consideradas nesse campo. (BRASIL, 2017, p. 143)

A partir desse debate serão delineados os temas de cada um dos grupos, tendo um cuidado da parte do professor para que haja variedade. Entre os temas que surgiram durante a regência, constam: violência contra a mulher, violência LGBTQIA+, violência policial, violência racial, violência no futebol, violência autoinfligida, violência institucional, etc. É imprescindível que o professor deixe os alunos à vontade para se organizarem entre os seus temas e parceiros, a fim de desenvolver a autonomia, o protagonismo e a pró-atividade.

Durante este módulo, os alunos, em roda, também expuseram experiências, relatos e denúncias amplas a respeito de práticas sociais violentas. É importante

³ Disponível no apêndice.

⁴ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>.

comentar a interação de um aluno que gritou “violência”: apesar do pouco conhecimento aprofundado para desenvolver atividades com casos de inclusão, foi muito comemorada sua integração ao debate. Ao final da aula, foi explicitado como seria estruturado o módulo seguinte.

Módulo 2 - introdução ao gênero *Podcast* (2 aulas)

Esta etapa concentra-se no *podcast* enquanto gênero, para isso é primordial a apresentação de exemplos diversificados, de preferência, que já abordem o tema delineado (violência). O intuito é focar a atenção para estrutura de cada um deles, também que se mantenha um olhar crítico sobre o tema, e, sobretudo, a forma pela qual o locutor o aborda, porque, na linguagem oral, sem a reprodução ao vivo do gestual, a entonação torna-se a ponte mais decisiva e encaminhadora do discurso para a interpretação. Nesta etapa, o professor lançará mão do material informativo, sobre os tipos de *podcast*, que consta no apêndice. É a partir dele que será introduzido, em discussão, como caracterizam-se e são gravados cada um dos *podcasts*.

Para o módulo 2, foi apresentado um *podcast* sobre violência doméstica disponível no Spotify e um produzido por este autor nas aulas da faculdade, para que os alunos percebam que há uma simplicidade e, até mesmo, repararem os aspectos negativos para não repetirem. Em roda, foi lido o material informativo dos *podcasts* e discutiram-se as diferentes formatações de *podcast* de modo a guiar os grupos para as próprias escolhas.

Para uma maior integração e aproveitamento do gênero, é possível pedir, para os grupos, que tragam os *podcasts* que mais gostaram, ou que seriam passíveis de crítica para discussão na aula posterior, ou via redes sociais.

Nesta etapa, há a possibilidade de integrar uma atividade da modalidade EAD concomitantemente ao processo, via redes sociais. Um grupo da sala, no Facebook ou no WhatsApp, em que cada um discutiria e relataria constantemente o processo de escolha e escuta de *podcasts* variados. Trocariam dicas, informações sobre como editar, dariam sugestões de *podcasts* de interesse, ou quais possíveis auxílios aos outros grupos, sanariam dúvidas, etc.

Módulo 3 – roteiro (2 aulas)

Em duas aulas, na sala de informática, os alunos deverão estruturar o roteiro que auxiliará na gravação do *podcast* de cada grupo. É necessário que seja reforçada e orientada a estrutura de um roteiro. Nessa atividade deverão estar contidos: a apresentação dos integrantes, o desenvolvimento do tema escolhido (com argumentação contundente e diversa), e uma proposta de intervenção, em qualquer uma das esferas de atividade (pessoal, social, institucional, estatal). Contemplando, assim, na categoria produção de textos, a habilidade de

(EF69LP22) Produzir, revisar e editar textos reivindicatórios ou propositivos sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em conta seu contexto de produção e as características dos gêneros em questão. (BRASIL, 2017, p. 143)

Durante a produção dos roteiros, o professor deve estar direcionando separadamente cada um dos trios. É comum que haja dispersões e, sobretudo, confusões na hora de estruturar o roteiro. Portanto, toda atenção aos grupos é pouca. É neste momento que haverá o favorecimento do processo de construção do conhecimento. Conforme Hoffman (2000, p. 57), o papel do educador

pode ser definido por favorecer, e não simplesmente por estar junto. Ou seja, o acompanhamento do processo de construção de conhecimento implica favorecer o desenvolvimento do aluno, orientá-lo nas tarefas, oferecer-lhe novas leituras ou explicações, sugerir-lhe investigações, proporcionar-lhe vivências enriquecedoras e favorecedoras à sua ampliação do saber. Não significa acompanhar todas as suas ações e tarefas para dizer que está ou não apto em determinada matéria. Significa, sim, responsabilizar-se pelo seu aprimoramento, pelo seu "ir além". De forma alguma é uma relação puramente afetiva ou emotiva; significa uma reflexão teórica sobre as possibilidades de abertura do aluno a novas condutas, de elaboração de esquemas de argumentação, contra-argumentação, para o enfrentamento de novas tarefas.

Por vezes os alunos não têm a noção de que, para produzirem três a quatro minutos de gravação, pode ser necessário mais do que apenas uma página, ainda mais quando se trata de grupos que farão somente a gravação da leitura do roteiro.

Neste módulo, as aulas foram desenvolvidas na sala de informática. Cada grupo pesquisou notícias, músicas, entrevistas e matérias úteis para a argumentação nos *podcasts*. Foram projetadas orientações à estrutura e ao que deveria constar no roteiro e sugestões para seleção dos argumentos.

A orientação foi feita grupo a grupo, devido às diferentes estruturas escolhidas para os *podcasts*. Acredita-se que, neste momento, deve-se explorar, caso não haja, o vínculo professor-aluno. Trabalhar com grupos pequenos propicia melhor conhecimento de características e necessidades específicas de cada um dos integrantes, bem como estimula-se a criatividade para que sejam produzidos materiais diferenciados e mais autênticos.

Produção final – gravação e edição dos *podcasts* (4 aulas)

Para a finalização, os alunos deverão gravar os áudios que comporão seus materiais, seja no celular ou em um gravador. Sugere-se que haja um lugar silencioso, como a biblioteca, para que não afete a qualidade do som. Posteriormente, na sala de informática, serão compilados e editados todos os arquivos para a produção final.

Neste módulo, foram salientados os valores, normas e atitudes desenvolvidas no projeto segundo os constituintes dos PCN (BRASIL, 1998, p. 84): “Interesse por ouvir e manifestar sentimentos, experiências, ideias e opiniões”, “Segurança na defesa de argumentos próprios e flexibilidade para modifica-los, quando for o caso”, e, sobretudo, “Preocupação com a comunicação nos intercâmbios: fazer-se entender e procurar entender os outros”.

A tarefa mais complexa foi a etapa da compilação, conversão e edição dos áudios gravados pelos alunos, a cada três grupos, na biblioteca. Nesta fase, é imprescindível que o professor tenha alguma noção de manuseio do programa de edição e das ferramentas do computador para não atrasar as produções, mas auxiliar os grupos nas diversas dúvidas que surgem (e como surgiram!). Também é válido ressaltar que a escola deve garantir algum acesso à internet que seja eficiente. Devido à falta de internet nos celulares nos alunos e falta de rede *wi-fi* na escola, foram despendidos vários longos momentos da atividade compartilhando internet com cada grupo, e nem sempre funcionava. E, por fim, assegurar-se que haja um *e-mail* disponível, ou *drive*,

para enviar, receber e baixar os arquivos de áudio, porque a maioria os alunos não lembrou ou não tinha *e-mail*.

Na ferramenta Audacity⁵, previamente instalada nos computadores, ou em outros programas de edição, seja no celular, ou nos computadores, os alunos, com o auxílio do professor, deverão fazer a edição desejada para seus *podcasts*: cortes, redução de ruídos, adição de trilha sonora ou efeitos musicais, etc. Por fim, foi feita a exportação do arquivo para o formato MP3. Alguns alunos, devido ao não domínio do funcionamento do computador, preferiram gravar os áudios e editá-los diretamente no celular, as orientações foram para que prosseguissem pelo aplicativo e enviassem para o *e-mail*.

Como produto final, todos os *podcasts* criados foram reunidos em uma *playlist* com o nome da turma e o tema, disponível *on-line* através de site ou do aplicativo Castbox⁶.

Conclusão

Conclui-se que, para se agregar uma metodologia dos multiletramentos ao processo de ensino-aprendizagem, no qual a construção do conhecimento do aluno é tida como o aspecto central, é necessário que se lance mão de alguns recursos estruturalistas, como a sequência didática. Então, a partir dessa planificação, se conseguirá desenvolver um projeto em sala de aula que de fato faça sentido para os alunos, e que ainda possibilitará uma melhor organização para os professores: o que ainda deve ser repassado? O que está deficiente na formação dos grupos ou, individualmente, dos alunos? Dessa forma, mesmo que haja a necessidade de uma reestruturação das atividades, é sempre possível retornar ao projeto inicial, fazendo as alterações necessárias sem que se perca no *continuum* da aprendizagem e, sobretudo, nos tão importantes objetivos das produções escolares.

Assim, evidencia-se que, ao colocar os estudantes no papel de agente, dando voz e valorizando o conhecimento já adquirido por eles, se colabora para um processo de inclusão escolar e proporcionam-se as ferramentas para o rearranjo de seus conhecimentos, ou seja, de fato desempenha-se o papel de professor: ensinar.

⁵ Disponível em: <https://www.audacityteam.org/download/>

⁶ Disponível em: <https://castbox.fm/home?country=br>

Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf . Acesso em: 20 nov. 2019.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Gêneros **orais** e escritos na escola. Tradução e organização: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.

HOFFMAN, Jussara M. F. Avaliação **mediadora**: uma relação dialógica na construção do conhecimento. 2000.

ROJO, R. Alfabetização e multiletramentos. **Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária**, São Paulo, 2013. Entrevista. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/246/roxane-rojo-alfabetizacao-e-multiletramentos.html>.

VASCONCELOS, C. S. Concepção dialético-libertadora do processo de avaliação escolar: análise do problema. In: VASCONCELOS, C. S. Avaliação: concepção dialético-libertadora do processo de avaliação escolar. 17. ed. São Paulo: Libertad, 2007.

INCORPORATING PODCASTS INTO THE CLASSROOM THROUGH DIDACTIC SEQUENCE

ABSTRACT

This article aims to explore and expand the multiliteracies, worked by Roxane Rojo, inside the class and provide auxiliary material to combat violence. In order to develop the oral genres, from the structure idealized by Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004), a didactic sequence was developed for the 9th grade that combines skills, objectives and abilities of both BNCC and PCN, with the autoral elaboration of the students' podcasts about different types of violence which we are susceptible, for external spreading. For the development of the activity, some concepts of education and evaluation worked by Jussara Hoffman and Celso Vasconcelos were used.

Keywords: Podcasts; Multiliteracy; Didactic Sequence; Orality.

Envio: janeiro/2020

Aceito para publicação: junho/2020

APÊNDICE

GARTILHA INFORMATIVA CONTRA VIOLÊNCIA

O QUE É VIOLÊNCIA?

A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) DEFINE VIOLÊNCIA COMO O USO DA FORÇA FÍSICA OU DO PODER INTENCIONALMENTE, PODE SER CONTRA SI MESMO, CONTRA OUTRAS PESSOAS OU CONTRA UM GRUPO OU COMUNIDADE.

CONSIDERA-SE VIOLÊNCIA COMO TODA AÇÃO QUE RESULTE OU POSSA RESULTAR DE LESÃO, MORTE, PROBLEMAS PSICOLÓGICOS E PRIVAÇÃO DE ALGUMA COISA – EDUCAÇÃO, SAÚDE, LIBERDADE...

VIOLÊNCIA INTERPESSOAL

AQUELA INFLIGIDA POR OUTRA PESSOA OU GRUPO; PODE SER DIVIDIDA EM DUAS SUBCATEGORIAS: VIOLÊNCIA DA FAMÍLIA E PARCEIROS ÍNTIMOS; VIOLÊNCIA COMUNITÁRIA.

"QUANTOS MAIS PRECISARÃO MORRER?"
MICHELLE FRANCO

VIOLÊNCIA AUTOINFLINGIDA

É A VIOLÊNCIA CONTRA SI MESMO, SUBDIVIDIDA EM COMPORTAMENTO SUICIDA, PENSAMENTOS SUICIDAS E TENTATIVAS DE SUICÍDIO – E ATOS DE AUTOMUTILAÇÃO.

VIOLÊNCIA COLETIVA

DIVIDIDA EM VIOLÊNCIA SOCIAL, VIOLÊNCIA POLÍTICA E VIOLÊNCIA ECONÔMICA, ESTE TIPO DE VIOLÊNCIA PODE INDICAR A EXISTÊNCIA, POR EXEMPLO, DE CRIMES DE ÓDIO COMETIDOS POR GRUPOS ORGANIZADOS, ATOS TERRORISTAS, GUERRAS E CONFLITOS ARMADOS, OU AINDA, A VIOLÊNCIA DO PRÓPRIO ESTADO. PODE INDICAR, TAMBÉM, A FORMA COMO SOMOS TRATADOS PELAS INSTITUIÇÕES PRESTADORAS DE SERVIÇOS PÚBLICOS COMO HOSPITAIS, POSTOS DE SAÚDE, ESCOLAS, DELEGACIAS, JUDICIÁRIO ETC.



A VIOLÊNCIA

NO MUNDO INTEIRO, AS DIFERENTES FORMAS DE VIOLÊNCIA SÃO RESPONSÁVEIS POR ADOECIMENTO, SOFRIMENTO, PERDAS E MORTES. É UM FENÔMENO SOCIAL DE GRANDE DIMENSÃO QUE AFETA TODAS AS SOCIEDADES, DAS MAIS POBRES ÀS MAIS ABASTADAS, NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE. NÃO SE CONHECE SOCIEDADE ALGUMA ISENTA DE VIOLÊNCIAS. TRATA-SE DE UM FENÔMENO HISTÓRICO, PRESENTE EM TODAS AS ÉPOCAS, SE APRESENTANDO DAS MAIS DIFERENTES FORMAS. É, TAMBÉM, UM FATOR HUMANO E SOCIAL QUE CONSISTE NO USO DA FORÇA, DO PODER E DE PRIVILÉGIOS PARA DOMINAR, SUBMETER E PROVOCAR DANOS A OUTRAS PESSOAS, GRUPOS E COLETIVIDADES (MINAYO E CARPURCHANDE, 2011).

UMA DAS IDEIAS MAIS RECORRENTES NA NOSSA CULTURA EM RELAÇÃO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO É DE QUE OS HOMENS SERIAM NATURALMENTE VIOLENTOS E QUE A VIOLÊNCIA MASCULINA ESTARIA CENTRADA NA BIOLOGIA. NESSA PERSPECTIVA, ACREDITA-SE QUE OS HOMENS NASCERIAM COM UMA PREDISPOSIÇÃO PARA A VIOLÊNCIA. É COMO SE OS HOMENS FOSSEM NATURALMENTE VIOLENTOS! ESSA NOÇÃO ESTARIA ASSOCIADA AO FATO QUE, EM NOSSA SOCIEDADE, SÃO OS HOMENS AQUELES QUE MAIS SE ENVOLVEM EM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA.

PORÉM, ESSA IDEIA É EQUIVOCADA. SE COMPREENDERMO QUE A VIOLÊNCIA É UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL E QUE, PORTANTO, NÃO É UM ATRIBUTO DE NASCENÇA E, SIM, ALGO QUE SE APRENDE/DESENVOLVE AO LONGO DA VIDA, NÃO EXISTEM PESSOAS PREDISPOSTAS À VIOLÊNCIA, O QUE EXISTE SÃO CONDIÇÕES SOCIAIS E ESTRUTURAIS QUE FAVORECEM A PRODUÇÃO DE CONTEXTOS E SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA. OU SEJA, OS HOMENS NÃO SÃO NATURALMENTE VIOLENTOS E SE ELAS APARECEM EM VÁRIAS ESTATÍSTICAS COMO AQUELES QUE MAIS COMETEM ATOS DE VIOLÊNCIA, ISSO ESTÁ RELACIONADO AOS SEUS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO E NÃO À SUA NATUREZA!

PARA MINAYO E CARPURCHANDE, A VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONSTITUI-SE EM FORMAS DE OPRESSÃO E DE CRUELDADE NAS RELAÇÕES ENTRE HOMENS E MULHERES, ESTRUTURALMENTE CONSTRUÍDAS, REPRODUZIDAS NO COTIDIANO E GERALMENTE SOFRIDAS PELAS MULHERES. ESSE TIPO DE VIOLÊNCIA SE APRESENTA COMO FORMA DE DOMINAÇÃO E EXISTE EM QUALQUER CLASSE SOCIAL, ENTRE TODAS AS RAÇAS, ETNIAS E FAIXAS ETÁRIAS. SUA EXPRESSÃO MAIOR É O MACHISMO NATURALIZADO NA SOCIALIZAÇÃO QUE É FEITA POR HOMENS E MULHERES. A VIOLÊNCIA DE GÊNERO QUE VITIMA SOBRETUDO AS MULHERES É UMA QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA E UMA VIOLAÇÃO EXPLÍCITA AOS DIREITOS HUMANOS* (2011, p. 36).

VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL — É AQUELA EXERCIDA NAS/PELAS INSTITUIÇÕES DOS SERVIÇOS PÚBLICOS, TANTO POR ALGUMA AÇÃO DISCRIMINATÓRIA, QUANTO PELA OMISSÃO DO ATENDIMENTO.

INTRAFAMILIAR — É O TIPO DE VIOLÊNCIA FÍSICA OU PSICOLÓGICA QUE ACONTECE NO ÂMBITO FAMILIAR.

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA — É UM TIPO DE DESVALORIZAÇÃO DAS MENINAS E MULHERES, COLOCANDO-AS EM POSIÇÃO DE INFERIORIDADE FRENTE AOS MENINOS E HOMENS.

BULLYING — SÃO VIOLÊNCIAS RECORRENTES POR MEIO DE INSULTOS E HUMILHAÇÕES PRESENCIAIS E CONSTANTES, ENTRE OS MENINOS. AS MANIFESTAÇÕES DE BULLYING TÊM A SER MAIS EXPANSIVAS, AGRESSIVAS. JÁ NO UNIVERSO FEMININO ESTE TIPO DE VIOLÊNCIA SE APRESENTA DE FORMA MAIS VELADA, AS MANIFESTAÇÕES ENTRE ELAS PODEM SER FOCAS, BOATOS, EXCLUSÃO (FANTE, 2010).

CYBERBULLYING — UMA PESSOA USA INTERNET E APLICATIVOS PARA TELEFONES CELULARES PARA INTIMIDAR O OUTRO — (FANTE, 2015).

